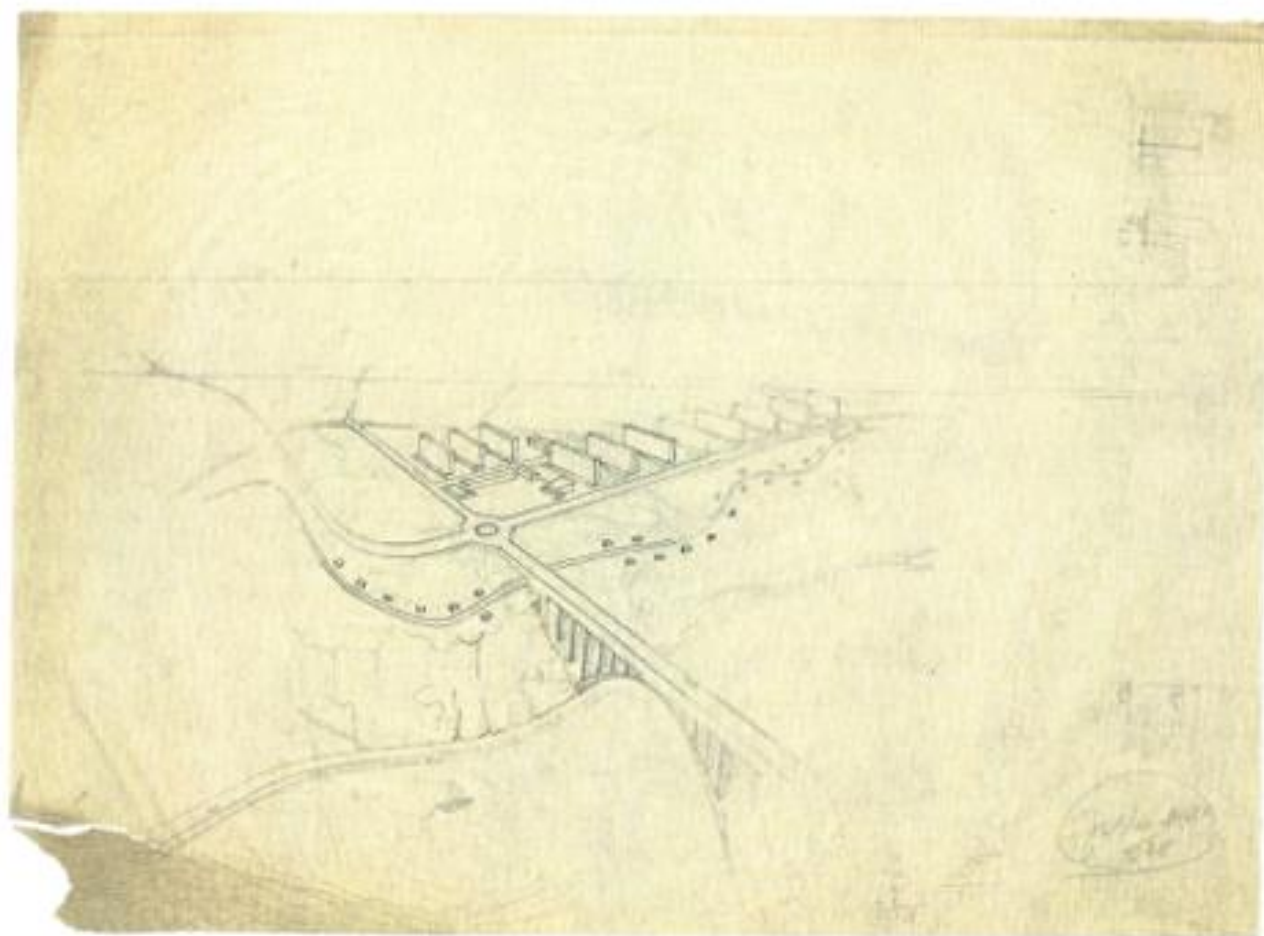


PORTA DO PORTO MODERNA. O PLANO PARCIAL DE URBANIZAÇÃO DA ZONA DO CAMPO ALEGRE, 1948-49. [1949-51]¹



Plano de Urbanização da Zona do Campo Alegre – Vista geral: Esquissos, 1948. FIMS, Arquivo Fernando Távora.

SÍLVIA RAMOS

Centro de Estudos de Arquitetura e
Urbanismo – Faculdade de Arquitetura
da Universidade do Porto

295

O Campo Alegre, no Alto do Monte da Arrábida adjacente ao Douro, a sul da Rua do Campo Alegre e entre os alinhamentos das Ruas de António Cardoso e de Gonçalo Sampaio, é um lugar com uma predisposição especial na cidade do Porto.

Sob a sua aparentemente difusa forma urbana atual, a noção de espessura e de profundidade da sobreposição de estratos no tempo permite descobrir, arquitetada no *tempo longo* e no curso da história, a vocação do Campo Alegre para assumir a condição de Porta do Porto, baseada em razões de ordem geográfica.

Do século XIV ao século XX, apesar deste forte vínculo à geografia passar por etapas de obscurecimento ou de esquecimento, contam-se pelo menos sete momentos em que o Monte da Arrábida é entendido como singular marca geográfica e desenhado a tirar partido das virtualidades de localização e topográficas, que fazem dele um âmbito designado a funcionar como ponto nevrálgico de relação, física e simbólica, do Porto com o território que o envolve.

Fernando Távora protagoniza, nomeadamente, um quarto destes momentos. A partir do Campo Alegre, planeia dotar o Porto e a sua fachada-símbolo, a sul e ao rio, de uma segunda porta monumental que, construída, pelos modelos e formas que adota, contribuiria para valorizar os aspetos mais positivos da circunstância preexistente e para criar nova e favorável circunstância, no sentido de uma cidade contemporânea que se realiza de acordo com o tempo que a anima em alternativa à cidade ou ao seu centro tradicional.

O Campo Alegre surge relativamente cedo na vida profissional de Fernando Távora. Em 1948-49, Fernando Távora tem cerca de 25 anos, está em vias de concluir o Curso Superior de Arquitetura na Escola de Belas Artes do Porto e, no âmbito da sua progressiva integração no Gabinete de Urbanização da Câmara Municipal, onde é tirocinante de Arquitetura, ocupa-se do Campo Alegre, entre outros estudos de urbanização.

O Campo Alegre havia sido selecionado para estudo particular da sua urbanização por Giovanni Muzio, entre 1940 e 1943, com certeza pelo motivo do seu destino, a testa da Ponte da Arrábida — elemento da rede viária nacional e, em particular, da via que articula, paralelamente à costa, as principais cidades do país. Porém, cerca de 1945, enquanto os estudos para a nova Ponte progridem, com campanhas de sondagens e anteprojetos que permitirão fixar superiormente o alinhamento, a cota rasante e a forma da obra, a reflexão sobre a urbanização do Campo Alegre encontra-se suspensa, com a política urbanística municipal a julgar o *centro tradicional* da cidade capaz de absorver as exigências contemporâneas de expansão urbana do Porto dentro dos seus estreitos limites.

Em 1948, no Gabinete de Urbanização, o trabalho sobre o Campo Alegre tem início com o que parece ser um concurso (informal) de ideias, sendo decidida a evolução da proposta de Fernando Távora para um verdadeiro estudo.

O estudo de Fernando Távora enquadra-se no trabalho de planeamento da cidade em desenvolvimento, que fixa como principais problemas a resolver no Campo Alegre: o *tráfego*, a *distância* e a *velocidade* e a *urbanização* do lugar. Com este programa como premissa, Fernando Távora desenvolve para o Campo Alegre um Projeto Urbano *nitidamente moderno*, em perfeita relação com a circunstância contemporânea que o envolve, fundado nos modelos do Movimento Moderno e informado pela prática arquitetónica europeia, nomeadamente de Le Corbusier, nos anos 20 e 30, e de Josep Lluís Sert, nos anos 40.

¹ O presente trabalho reflete sobre a investigação apresentada in Sílvia Ramos, 2017, *Campo Alegre Cidade: da sua longa metamorfose*, Tese de Doutoramento, Porto: FAUP; e Sílvia Ramos, *O Plano Parcial de Urbanização da Zona do Campo Alegre*, in Manuel Mendes, 2015, *Sobre o "projeto-de-arquitetura" de Fernando Távora*, Porto: Fundação Instituto Marques da Silva, pp. 54-71, revisitando: Fundação Instituto Marques da Silva, Sistema de Informação Fernando Távora, *CMP, Plano de Urbanização da Zona do Campo Alegre*; [Fernando Távora, 1949, "Ideia do Plano..."] Nuno Portes, 1961, *Arquiteto Fernando Távora: 12 anos de atividade profissional em Arquitetura*, n.º 71, p. 1123; Fernando Távora, dezembro de 1995, "Memória do Campo Alegre", in *Universidade do Porto, Boletim*, n.º 26-27, pp. 15-16; Manuel Mendes, 2010, *Do esquecimento para além da arte: do nomadismo ao erotismo*, Tese de Doutoramento, Porto: FAUP; Manuel Mendes (org., ed. e coord.), 2015, *Sobre o "projeto-de-arquitetura" de Fernando Távora*, Porto: Fundação Instituto Marques da Silva.



Plano de Urbanização da Zona do Campo Alegre — Planta geral, 1948. FIMS. Arquivo Fernando Távora.

O projeto entusiasma os Modernos portugueses, com Nadir Afonso, Fernando Lanhas e Arménio Losa a proporem colaboração para o seu desenvolvimento e a manifestarem interesse em que o Campo Alegre constitua um dos seminários a organizar pela ODAM (Organização dos Arquitetos Modernos) a par da exposição de Arquitetura Moderna que prepara. O projeto não recebe, contudo, parecer favorável do Estado (Novo) que tem o Areeiro, em Lisboa, como solução de referência para o Campo Alegre e Faria da Costa como o arquiteto vocacionado para a preconizar no Porto. Consequentemente, no final do verão de 1949, o trabalho sobre o Campo Alegre no Gabinete de Urbanização é interrompido. Fernando Távora continua, apesar disso, a ocupar-se do lugar a título particular, até 1951. Acredita que o Campo Alegre representa a possibilidade de a nova arquitetura provocar a cultura da cidade.

Ao longo dos quatro anos em que Fernando Távora desenvolve o Projeto Urbano do Campo Alegre, elabora um conjunto de seis hipóteses de desenho, a duas escalas distintas. A uma escala intermédia, entre a cidade e o lugar, desenha o Campo Alegre e, a uma escala arquitetónica, entre o lugar e o edifício, pormenoriza o seu setor na testa da Ponte da Arrábida. As seis variantes de desenho em que trabalha diferem nos pormenores que preconizam, mas persistem nas opções de base que as orientam.

A proposta de Fernando Távora para o Campo Alegre é resposta àquela que considera ser a situação urbanística do Porto que herda, congestionado e com problemas de crescimento. Fernando Távora propõe, por isso, que o desenho do Campo Alegre seja contrastante com o tecido urbano que tradicionalmente caracteriza a cidade,

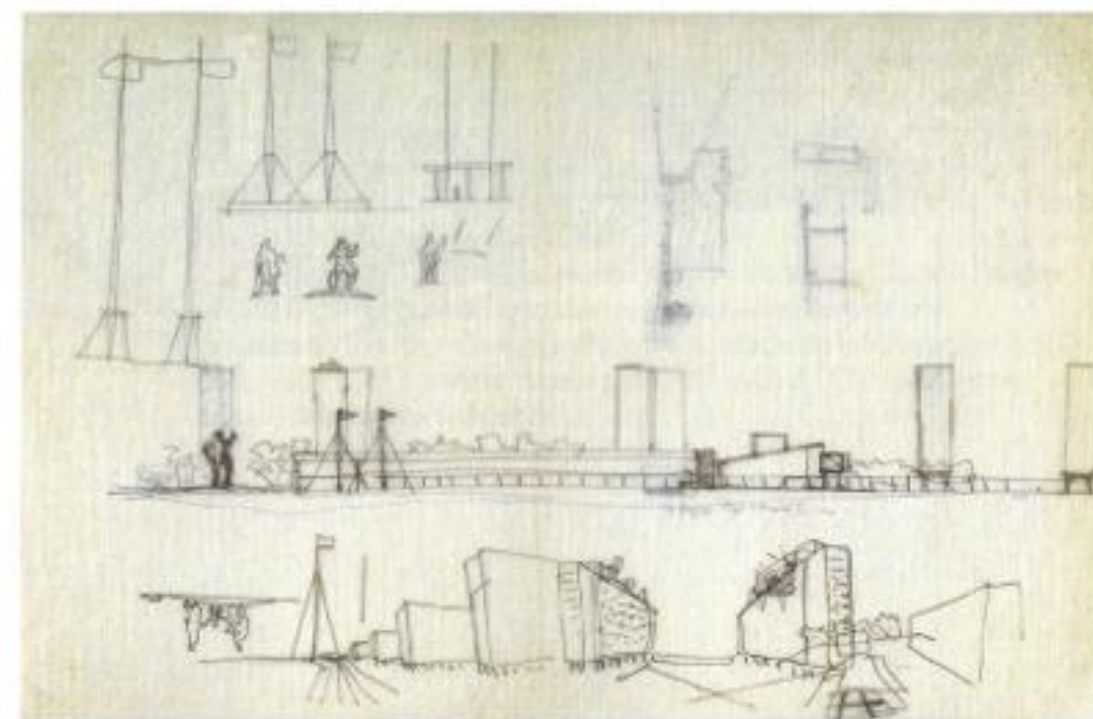
que o contrarie forçosa e violentamente. Consequentemente, opta por desenhar o Campo Alegre marcado por uma nova escala urbana, em que, com base numa política fundiária coletiva, o conceito de *rua-corredor* é substituído pelo conceito de *cidade aberta e ilimitada*, que transporta consigo valores como os de salubridade e velocidade.

Estruturam o pedaço de cidade nova que Fernando Távora desenha para o Campo Alegre, as características morfológicas da geografia do lugar. A partir das referências teóricas previamente enunciadas, Fernando Távora resolve o projeto para o Campo Alegre a sublinhar cada uma das formas topográficas essenciais que o compõem — o planalto e a encosta, com duas superfícies principais de diferente inclinação —, tanto no que se refere ao desenho do *tráfego*, a *distância* e a *velocidade (de passagem)*, como à *urbanização*.

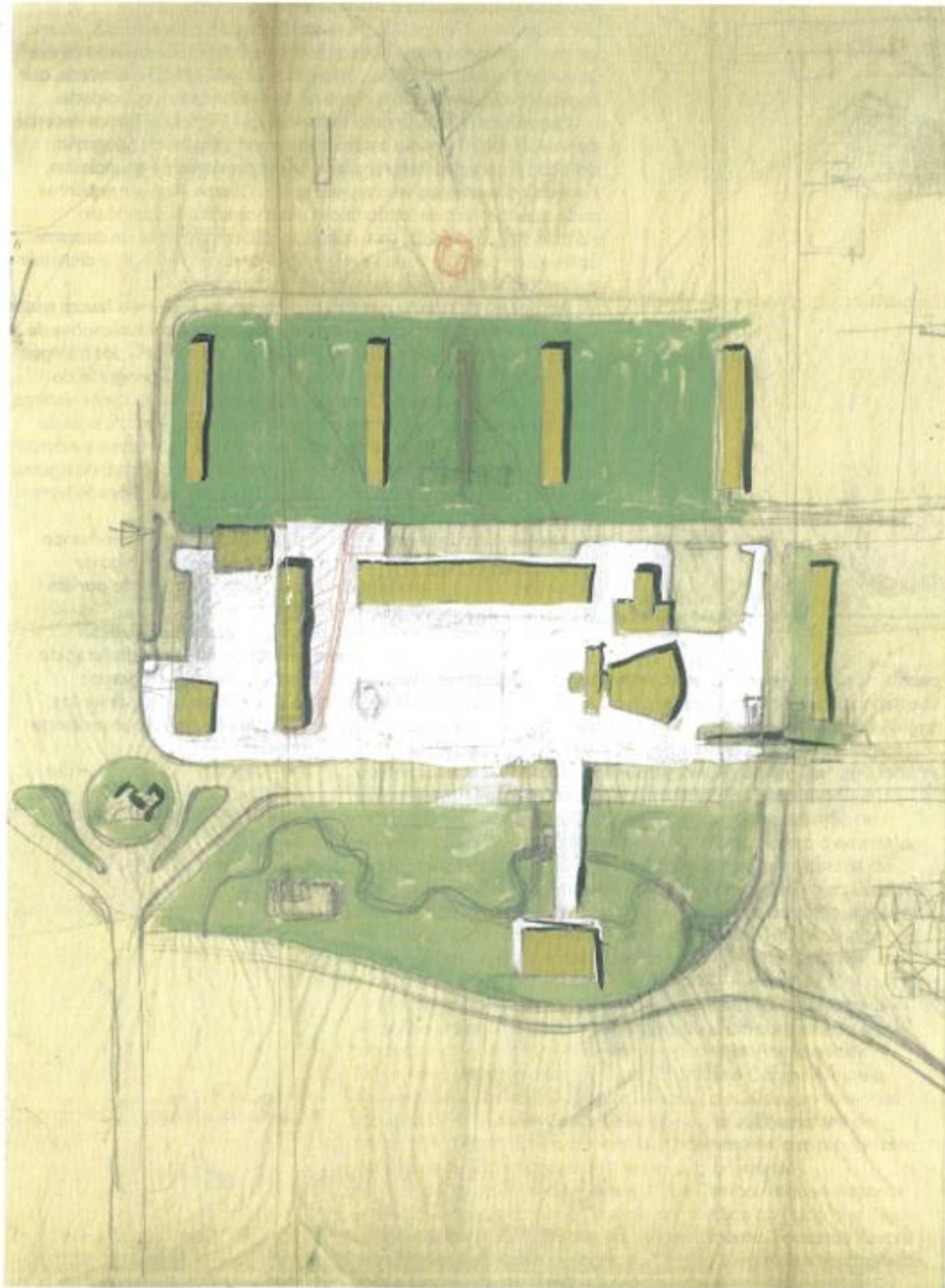
No que ao *tráfego de passagem* diz respeito, Fernando Távora adota o princípio geral fixado para a rede fundamental de comunicações da cidade, atualiza-o com a total garantia de independência dos tráfegos nacional e local e reinterpreta-o com o seu vincular à geografia do território, que racionaliza. Desenha as principais artérias deste sistema, simultaneamente inspiradas e em contraponto com a morfologia do relevo, nomeadamente a mimetizar o perímetro do planalto e a reforçar a sua distinção em relação à encosta, recorrendo a geometrias rígidas, com vias em grandes extensões “descoladas” da superfície do terreno sobre altos muros de suporte.

No que à *urbanização* do Campo Alegre diz respeito, Fernando Távora organiza, com total autonomia em relação ao *tráfego de passagem*, um novo pedaço de cidade pedonal composto por um *centro cívico* e respetiva *unidade de vizinhança*.

O *centro cívico* quer-se sítio de uma intensa vida coletiva. Localiza-se no planalto adjacente ao término da Ponte da Arrábida e debruçado sobre o Rio Douro. Toma a forma de uma *grande praça*, apta a atos públicos e dotada de serviços e equipamentos de arquitetura excecional, e de uma *avenida de peões* que prolonga a sua influência pela *unidade de vizinhança*.



Plano de Urbanização da Zona do Campo Alegre — Esquissos, 1948. FIMS. Arquivo Fernando Távora.



[p. 298]
Plano de Urbanização da Zona
do Campo Alegre — Planta, 1948.
FIMS. Arquivo Fernando Távora.

A unidade de vizinhança é de seis mil habitantes, para ser desenhada à escala humana. Organiza-se por forma a fazer corresponder a cada uma das principais formas de relevo que compõem o Campo Alegre uma densidade e uma tipologia edificatórias. A encosta, no curso da concetualmente antiga Via Panorâmica — que Fernando Távora retraça a vincar a sua principal diferença de pendente —, reserva-se à construção de reduzida densidade e de tipologia unifamiliar. O planalto, por sua vez, destina-se à edificação plurifamiliar de elevada densidade. Nele, Fernando Távora estuda a melhor estratégia para a implantação de uma série de *unité d'habitation de grandeur conforme*, refletindo sobre o potencial da sua construção sobre *pilotis* e a possibilidade de integração de equipamentos coletivos de proximidade, nomeadamente no plano da cobertura, tomando-o sítio de atividades coletivas ao ar livre onde se manifesta e exprime o espírito da comunidade. Neste sentido, em complemento aos *toits-terrasses*, Fernando Távora desenha o planalto como uma superfície verde contínua, inteiramente pública, que responde a diferentes programas e integra os maciços vegetais preexistentes de qualidade botânica mais significativa.

A este conjunto, a interseção das dimensões de *tráfego de passagem* e de *urbanização* que resolve no Campo Alegre, Fernando Távora soma uma *estátua ou figura*, e algumas vezes um par de mastros de bandeiras, que dimensiona para serem apreendidos em movimento rápido, e que organiza em composições lúdicas, sempre em relação com o eixo da Ponte da Arrábida.

Assim desenhado o Campo Alegre, a sua vista de sul, ao Douro e à Ponte da Arrábida, sintetiza-se numa superfície verde contínua (aproximadamente) do Jardim Botânico aos Jardins do Palácio de Cristal, que um viaduto percorre, uma série de altas massas verticais compactas pontuam e um conjunto escultórico, abstrato ou figurativo, assinala.

À data, esta é uma paisagem singular no Porto e, em especial, na encosta do Rio.

Para Fernando Távora, ela é a única que podendo ser verdadeiramente *útil e viva*, *sentida* pelo seu tempo, é capaz de ser assumida como *monumento* que, comemorando a modernidade do Porto à passagem da Ponte da Arrábida, o distingue no conjunto das mais relevantes cidades nacionais. Fernando Távora afirma-o, indubitavelmente, quando, sob o título *Campo Alegre — Problema ético e estético*, representa em confronto a sua "Porta da Cidade" na testa da Ponte da Arrábida e a "Porta da Cidade" consolidada na testa da Ponte D. Luiz I, no século XVIII.

Fernando Távora regressa ao Projeto Urbano do Campo Alegre em 1974. O modelo urbano que nele ensaia reinterpretar é atualizado à data, mas a premissa e a vontade da intervenção são as mesmas: concretizar o desígnio intrínseco do Campo Alegre — ser Porta do Porto Moderna.